

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do seminário empresarial Brasil-Índia**

**Nova Delhi - Índia, 04 de junho de 2007**

Senhores ministros da Índia e do Brasil,  
Demais integrantes desta mesa,  
Senhores e senhoras integrantes da delegação brasileira e da delegação da Índia,  
Senhores empresários brasileiros e empresários indianos,  
Jornalistas,  
Amigos e amigas,

Quero, inicialmente, saudar a organização deste importante evento empresarial e destacar a expressiva presença de homens de negócios brasileiros e indianos. É evidente que as relações entre Índia e Brasil começam a realizar seu potencial.

Esta é a segunda vez que visito a Índia. O primeiro-ministro Sing esteve no Brasil há cerca de oito meses. Somos duas grandes democracias do mundo em desenvolvimento, com muitos interesses e afinidades em comum. Estamos imprimindo um grande dinamismo ao nosso relacionamento, fortalecendo a nossa aliança política e econômica, elevada à condição de parceria estratégica.

A Índia e o Brasil vêm sendo reconhecidos como atores indispensáveis no cenário internacional. Assumimos responsabilidades crescentes, temos posições convergentes em fóruns multilaterais.

No âmbito da OMC, forjamos o G-20, que nos credencia como interlocutores indispensáveis, articulando posições de países em desenvolvimento em torno de uma agenda comum: fazer de Doha uma verdadeira rodada do desenvolvimento. Estamos empenhados em desmontar os subsídios agrícolas e as barreiras que distorcem o comércio e penalizam os países mais pobres.

No plano bilateral, precisamos imprimir profundidade nas nossas relações econômico-comerciais. Para estimular o comércio e os investimentos

recíprocos, o primeiro-ministro Sing e eu acabamos de lançar o Fórum de Lideranças Empresariais Brasil-Índia. O aumento de nossas trocas comerciais nos últimos anos mostra que estamos no caminho certo: entre 2003 e 2006 saltaram de 1 bilhão para 2 bilhões e 400 milhões de dólares. Mas queremos e podemos alcançar a ambiciosa meta de 10 bilhões em 2010. Ela é perfeitamente viável se trabalharmos para realizar o pleno potencial de nossas economias. Para isso, é indispensável diversificar a nossa pauta bilateral, ainda muito restrita a produtos de menor valor agregado.

As notórias qualidades e competitividade de nossas indústrias de informática e biotecnologia, por exemplo, devem se refletir em nossas trocas e oferecem oportunidades para investimentos recíprocos. Sei que o setor privado indiano já saiu na frente, com investimentos em setores como transporte, medicamentos e tecnologia da informação.

Estou certo de que a expressiva delegação empresarial, integrada por mais de 100 pessoas que me acompanham nesta viagem, demonstra que o lado brasileiro já está seguindo esse extraordinário exemplo. Vamos concentrar esforços em ampliar o conhecimento mútuo e a visibilidade nos mercados de produtos e serviços dos dois países. Temos, hoje, a oportunidade de acelerar esse processo e é importante socializar as informações necessárias para aproveitar oportunidades e ampliar conhecimento sobre os ambientes regulatórios em cada país.

No setor energético, por exemplo, estamos unindo esforços para estabelecer um mercado mundial para os combustíveis renováveis. Brasil e Índia, juntamente com África do Sul, China, Estados Unidos e União Européia, lançaram o Fórum Internacional de Biocombustíveis, uma parceria verdadeiramente global. O etanol e o biodiesel aparecem, cada vez mais, como alternativas energéticas para a humanidade. Os biocombustíveis têm forte impacto social, não comprometem a segurança alimentar, geram empregos e renda no campo e podem beneficiar os países mais pobres. Em um mundo preocupado com a degradação ambiental e os altos preços do petróleo, ajudarão a reduzir emissões de gases poluentes e a dependência de combustíveis fósseis importados. Mas, para que possamos estabelecer um mercado mundial para os combustíveis renováveis, não basta a iniciativa de

nossos governos, precisamos da participação ativa do setor privado do Brasil e da Índia, entre outros países.

Senhoras e senhores,

No Brasil, estamos colhendo os frutos de uma política econômica que abre caminho para um longo ciclo de crescimento sustentável. Temos, hoje, uma combinação virtuosa de crescimento consistente, inflação baixa e forte incremento do comércio exterior, com a correspondente redução da vulnerabilidade externa. O Brasil passou à condição de credor líquido no mercado internacional, há forte ampliação do mercado interno, aumento de empregos, expansão da renda dos trabalhadores, redução da pobreza e da desigualdade social. Em janeiro deste ano lançamos o Programa de Aceleração do Crescimento, que prevê o equivalente a 250 bilhões de dólares de investimentos até 2010, com ênfase na área de infra-estrutura.

Como a Índia, o Brasil enfrenta o desafio urgente de aprimorar e expandir seu sistema portuário, de transportes e de geração de energia, além de sua infra-estrutura social. São muitas as oportunidades para alianças entre nossas empresas. As parcerias público-privadas representam alternativa para atrair capital privado nacional e estrangeiro. É a oportunidade para os empreendedores indianos realizarem investimento direto no Brasil, inclusive mediante a formação de *joint ventures* com capitais brasileiros. As perspectivas promissoras que se abrem no Brasil para as empresas indianas são maiores, tendo em vista o ambicioso processo, em curso, de integração física e energética da América do Sul. O Brasil oferece o acesso privilegiado para um Mercosul de 250 milhões de habitantes e um PIB de mais de 1 trilhão e meio de dólares.

Meus amigos e minhas amigas,

Estou convencido de que Índia e Brasil consolidarão, cada vez mais, sua parceria estratégica. Passou o tempo em que a distância física era usada como justificativa para o desinteresse. Estou certo de que este encontro abriu novas avenidas para adensar nossas relações econômico-comerciais. Quero que saibam que minha presença aqui sinaliza o compromisso do governo brasileiro em prestar toda a colaboração àqueles que tiveram a ousadia de apostar nos projetos que estamos desenhando.

Por isso, eu queria dizer aos meus amigos empresários brasileiros e empresários indianos, que há algum tempo eu venho concebendo a idéia de que o século XXI será o século das oportunidades para os países que não tiveram ou não puderam aproveitar as oportunidades do século XX. Em primeiro lugar, porque conquistamos a nossa soberania interna e a nossa soberania externa. É importante salientar que hoje, quando reunimos Índia e Brasil no G-20, não há possibilidade de qualquer negociação no mundo desenvolvido sem levar em conta o que representa essa aliança do G-20.

E é importante lembrar como muitas vezes nós somos céticos, como muitas vezes nós temos uma visão curta. Não faz muito tempo, quando reunidos em Cancun, os nossos ministros de Relações Exteriores com muitos ministros de outros países propuseram a criação do G-20 para criar uma força de negociação com a União Européia e os Estados Unidos na OMC. Não foram poucas as críticas que recebemos, não foram poucas as críticas daqueles que imaginavam que não é possível criar algo além do que já está criado. Afinal de contas, a lógica comercial do mundo nos impunha a necessidade de termos apenas os Estados Unidos e a União Européia como referência. Eram referência para a Índia, eram referência para o Brasil, eram referência para a China, eram referência para a África do Sul, para a América do Sul, para o continente africano e para o continente asiático.

O que muita gente não percebeu é que, nos últimos 20 anos, e mais, nos últimos 10 anos, e mais, nos últimos 5 anos, muita coisa mudou no mundo. Agora, o desafio que está colocado para os governos e para os nossos empresários é saber se teremos a ousadia de procurar um mundo novo para fazer negócios. Mundo novo em termos, porque antes de 1500 os portugueses saíam de Portugal – não tinha avião, nem Boeing, nem Airbus – num barco pouco recomendável, e o Brasil, depois de 500 anos, não conseguiu fazer uma réplica funcionar, eles davam a volta no Continente Africano e aqui, na Índia, vinham fazer negócios.

Por isso, eu quero lembrar aos nossos queridos empreendedores indianos e brasileiros que não existe distância que possa diminuir o apetite comercial de um empresário ousado, de governos ousados, que resolvem estabelecer parcerias estratégicas como condição única para criar um mundo comercial onde não tenha hegemonia dos países que subsidiam a sua

agricultura em detrimento aos países que têm milhões trabalhando na agricultura para sobreviver; onde não se permite, por exemplo, que países ricos, que querem vender os seus produtos industriais, não facilitem a entrada dos produtos agrícolas dos países pobres no seu mercado, quase que dizendo a todos nós: “precisamos de liberdade comercial, mas só para os nossos produtos. Os produtos dos países pobres não falam inglês, não conseguem falar muitos idiomas, então, têm que ficar lá, na América do Sul e na África”. Não, definitivamente não.

O século XXI e o mundo globalizado, com o avanço tecnológico e com a proximidade que temos uns dos outros hoje, não permite que fiquemos parados, esperando que a sorte sobrevoe o nosso território e nos diga o que fazer, quando fazer e como fazer.

O Brasil, hoje, mais do que nunca, é um país de oportunidades. A Índia, hoje, mais do que nunca, é um país de oportunidades. E nós precisamos aproveitar essas oportunidades de crescimento da Índia, de arranjo da economia indiana, e essas oportunidades de crescimento do Brasil e de arranjo da economia brasileira, para que governos e empresários, da Índia e do Brasil, se descubram, façam parcerias, façam negócios, porque o que está envolvido nisso é praticamente 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. E nós ainda não descobrimos 10% do potencial de negócios que poderemos fazer.

Para isso, tanto o primeiro-ministro Sing como eu acreditamos na capacidade criativa dos nossos empresários de descobrir nichos de oportunidades. Por exemplo, o Brasil pode dar uma contribuição extraordinária ao desenvolvimento da Índia, na área de tecnologia agrícola, e a Índia pode dar uma contribuição extraordinária ao Brasil na área de tecnologia na indústria de fármacos, apenas para citar dois setores. Para citar um outro, poderia dizer o que nós poderemos oferecer à Índia, em nível de engenharia, e o que a Índia poderia oferecer para nós em nível de engenharia.

O dado concreto é que neste século, que está apenas começando, com sete anos, nós descobrimos uma coisa: não podemos ficar dependentes de um único parceiro. Não podemos ficar dependentes de um único comprador ou de um único vendedor. Nesse mundo globalizado, nós temos que disputar cada metro quadrado de negócio, cada oportunidade. E quanto mais tivermos negócios de forma plural, menos ficaremos dependentes, e mais, aqueles que

eram chamados as “grandes economias” terão que sentar conosco para negociar.

Este é um país que nos dá lição de história, porque um homem muito franzino, que passou os primeiros 20 anos da sua vida, depois de formado, na África do Sul, conquistou o gosto da liberdade e conseguiu libertar este país de um dos maiores impérios que nós já conhecemos.

Toda vez que eu vejo esses palácios construídos pelos ingleses, eu fico imaginando: eles nunca pensaram em sair daqui. Porque ninguém constrói um palácio daquele para sair. Saíram por quê? Saíram porque este povo aprendeu o gosto de uma palavra chamada “liberdade”, aprendeu o gosto de uma palavra chamada “democracia”. E Índia e Brasil formam duas das mais importantes democracias do mundo. Nós temos liberdade no Brasil e liberdade aqui. Nós temos muitas raças aqui e lá, muitas línguas, muitas religiões. Aprendemos a viver na diversidade, aprendemos a competir, aprendemos a respeitar, aprendemos a ganhar, aprendemos a perder. Nós não podemos aceitar lições de democracia, lições de liberdade, porque neste campo nós temos para ensinar.

E mesmo na questão do desenvolvimento econômico e industrial nós já temos, somados os dois países, tecnologia para enfrentar qualquer tecnologia de outros países. O problema é que nós somos dois países muito grandes e precisamos, agora, deixar de pensar pequeno, pensar para dentro de nós e começar a pensar para fora de nós. Olhemos o mundo, para ver se tem muita coisa mais importante do que Índia e Brasil. Olhemos o mapa, para analisar o potencial que nós poderemos destravar nesses próximos 10 ou 15 anos.

Portanto, eu quero dar parabéns a todos vocês. Aos ministros da Índia, aos ministros brasileiros que trabalharam também para que esta reunião pudesse acontecer, aos empresários da Índia e aos empresários do Brasil, e dizer para todos vocês: nós temos uma grande oportunidade. Alguns amigos empresários brasileiros se lembram que quando nós dissemos que íamos fazer uma relação estratégica com a América do Sul, alguns perguntavam: “Puxa vida, vai vender para esses pobres?”. Pois bem, os pobres também estão crescendo, e quanto mais crescerem, mais poderão comprar, e quanto mais puderem comprar, mais precisarão se industrializar. Porque não é possível que apenas uma parte do mundo seja rica e a outra parte seja pobre. Vamos ser

todos medianos, onde todos possam vender e todos possam comprar.

E eu queria dizer para vocês: não depende de ninguém mais. Depende da ousadia do meu governo e do governo da Índia. Depende de nós retirarmos, dos marcos legais de cada um dos nossos países, todas as dificuldades que nós tivermos. E depende dos nossos empresários acreditarem que há possibilidade de ganhar dinheiro fora do território nacional, e dos empresários indianos acreditarem que há possibilidade de ganhar dinheiro fora do território indiano. Se isso acontecer, nós poderemos, em 2010, não apenas estar cumprindo a meta a que nos propusemos chegar, de 10 bilhões de dólares, mas poderemos ultrapassá-la, porque potencial existe, consumidor existe, seriedade nos dois governos existe, e eu diria que vontade dos nossos empresários existe.

Portanto, se o governo e o povo querem que isso aconteça, não há por que não acontecer. Não me dêem a desculpa da distância. Não existe tanta distância, porque antigamente se viajava meses para chegar a um lugar, hoje se viaja horas. O presidente da Petrobras disse que viajou 19 horas e chegou aqui cansado. Eu viajei da minha terra natal até São Paulo, durante 13 dias, em um pau-de-arara e não cheguei cansado. Então, obviamente que é sempre mais cômodo ficar no Rio de Janeiro, é sempre mais cômodo a gente ficar na nossa cidade, mas o crescimento econômico e a solução para o empobrecimento do nosso povo, que são heranças recebidas de séculos, só poderão terminar quando nós assumirmos a responsabilidade de que não há tempo a perder.

Quero dizer ao povo da Índia e aos empresários brasileiros que essa é a nossa determinação. Se pudermos, faremos mais, mas se não pudermos, faremos aquilo que nos determinamos a fazer e, para mim, não haverá distância. Só não venho a nado, porque tenho um problema de bursite, senão eu viria a nado.

Meus parabéns a todos vocês e boa sorte.